



JK

“

Por que
construí
Brasília

”

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO VII

Nº 91/96

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

Dez anos de

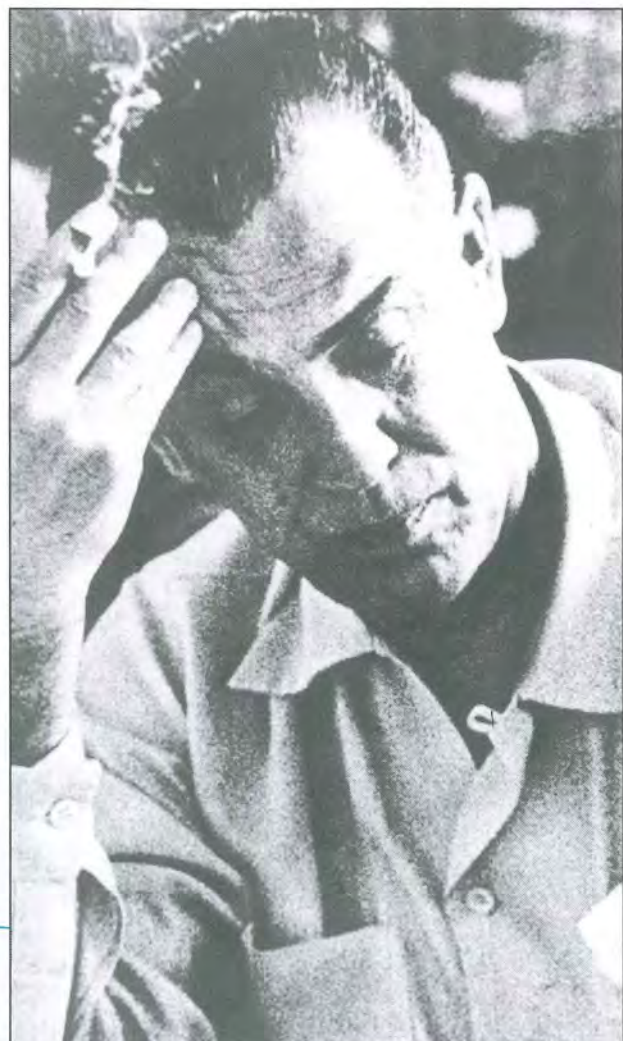
Lei Orgânica



Canteiros de obras sinalizam os primeiros benefícios aos candangos

A s a g a de JK

JARBAS MARQUES



No ano em que comemoramos o centenário de nascimento de Juscelino Kubitschek de Oliveira, o regime republicano terá 113 anos de existência e apenas dois estadistas desde a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889: Getúlio Dornelles Vargas e Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Getúlio Vargas ascendeu à presidência da república como líder da Revolução de 1930 e Juscelino Kubitschek como o das eleições de 1955.

Historiadores, sociólogos e economistas chegam a considerar que as bases do desenvolvimentismo do Estado brasileiro devem ser tributadas a Getúlio Vargas; quanto ao presidente Juscelino, pouco foi produzido nas bancas acadêmicas para valorar a sua presença na

história política, administrativa, econômica, social e cultural.

Dizer e referenciar apenas a construção de Brasília é muito pouco diante do seu legado ao Brasil como Pátria e Nação.

A República precisava de uma capital para diferenciá-la do Império dos Orleans e Bragança. Os positivistas e republicanos na primeira constituição republicana, em 1891, com o artigo 3º e a sua avançada visão geopolítica, determinavam a transferência da capital para o Planalto Central com o objetivo de assegurar o domínio físico do território brasileiro.

Juscelino Kubitschek, 69 anos depois, a entregou construída.

Para diferenciar os dois estadistas, usaremos uma adjetivação do folclore político; Getúlio Vargas era a "raposa felpuda", dissimulado, maquiavélico em contrapor adversários políti-



JK, muito querido pelo povo, costumava visitar as famílias. Na foto, em visita a Rio Verde (GO)

cos em seu próprio proveito. Já Juscelino era o "conquistador de simpatia" e "o condutor de sonhos".

Enquanto Vargas deixou um rastro de sangue, assassinatos e torturas nos seus quinze anos de poder, Juscelino deu ao país liberdade e progresso.

A Esplanada dos Ministérios pronta: centro das decisões nacionais



Tentaram impedir sua candidatura, e até sua posse: no dia 11 de fevereiro de 1956, a apenas 40 dias da sua posse, militares golpistas da FAB tomaram aviões e rumaram para Jacareacanga. Sua resposta: anistiar os revoltosos.

Para muitos historiadores levianos, esses revoltosos eram uma “fração de Brancaneone”; mas não, eles continuaram conspirando para desestabilizar o regime democrático e fariam uma outra revolta, a de Aragarças, onde pela primeira vez no mundo foi realizado o seqüestro de um avião civil. Desses conspiradores, muitos passariam à história como torturadores e assassinos na Ditadura Civil e Militar de 1964, como por exemplo o brigadeiro Burnier.

Se não foi somente a construção de Brasília, o que mais fez Juscelino?

Começamos pela sua nomeação como prefeito de Belo Horizonte em 14 de abril de 1940. Belo Horizonte, inaugurada em 1897, era a primeira cidade planejada do Brasil republicano. Mas não fora planejada para o advento do automóvel e nem para os migrantes em busca de conforto e trabalho na sua periferia. Apenas a Avenida Afonso Pena tinha 50 metros de largura, as ruas restantes tinham 12 metros. Juscelino, além de asfaltar a Avenida Afonso Pena, estendeu a pavimentação e a infra-estrutura de saneamento aos bairros periféricos, transformando a cidade, a ponto de ganhar a alcunha de “prefeito furacão”. Sua antevisão o levou a convidar o urbanista francês Alfred Agache para avaliar o potencial urbanístico da Pampulha.

Muitos pesquisadores datam dessa época



Os candangos vão às ruas comemorar a inauguração da capital

o seu primeiro ensaio “para construir Brasília”. Procura Rodrigo de Melo Franco, e este indica o jovem Oscar Niemeyer, que depois de ouvir o prefeito Juscelino, fica trancado no hotel, e, em dois dias, entrega o projeto da Pampulha. Lúcio Costa, Niemeyer, Portinari e Burle Marx

a partir daí se ligam umbilicalmente a JK.

Juscelino se elege governador de Minas Gerais em 1950 e, já influenciado pela visão desenvolvimentista de João Pinheiro, estabelece o binômio “Energia e Transporte” como meta de governo.

Minas Gerais, como bem disse o engenheiro Lucas Lopes em depoimento à Fundação Getúlio Vargas, “era a escuridão”. Partiu então para o programa de eletrificação. Embora a primeira usina hidroelétrica na América Latina tenha sido construída em Juiz de Fora, o estado tinha poucas usinas e de pequena capacidade geradora.

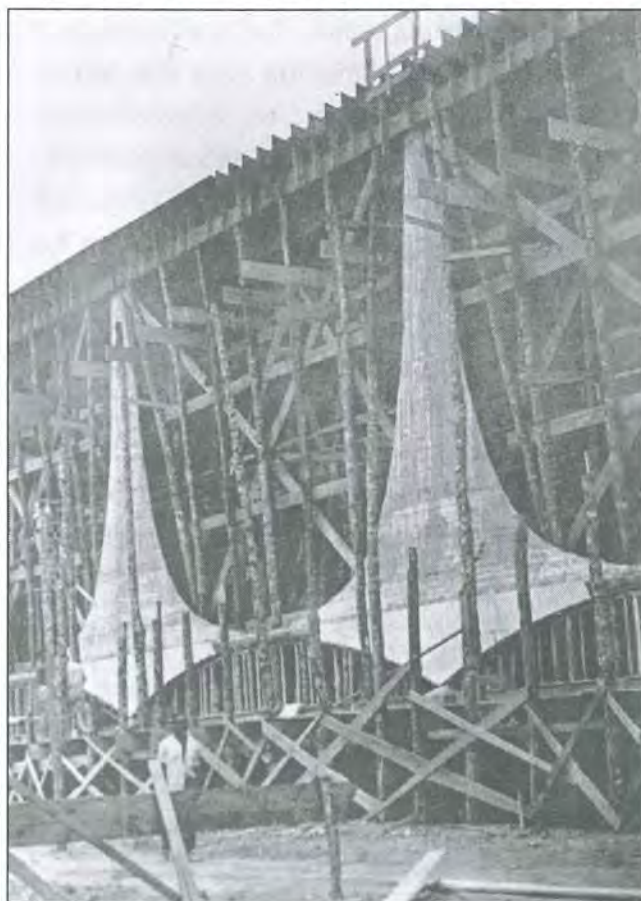
Já na Presidência determinou o replanejamento da Usina de Furnas e o planejamento da de Três Marias, ambas de grande importância não só para Minas Gerais e São Paulo, mas também para a Brasília que viria a ser construída.

A cada nova função pública Juscelino

Kubitschek agregava mais capacidade de antevisão administrativa e, ao deixar o governo de Minas Gerais para se candidatar à Presidência da República, estruturou o primeiro plano de governo da história republicana, ao qual chamaria de “Plano de Metas”, que totalizava 30 metas mais a Democracia.

No dia 4 de abril de 1955, no seu primeiro comício de campanha na cidade goiana de Jataí, ao inaugurar um estilo direto de se comunicar com o povo, o jovem Antônio Soares Neto – o Toniquinho – de chofre lhe pergunta: “O senhor diz que vai cumprir a Constituição, então o senhor vai transferir a capital federal para o planalto?” Nascia o que JK chamou de “meta-síntese” – Brasília.

Devemos a ele, na sua visão planejada de governo, as indústrias de base, o planejamento regional com a criação da Sudene, a indústria automobilística, a indústria naval, a ampliação das ferrovias, dos portos, da rede rodovi-



As pilastras do Palácio da Alvorada marcaram a arquitetura da capital

ária, o primeiro orçamento para a formação de pessoal técnico e orientação da educação para o desenvolvimento – a meta 30 –, a construção da Belém-Brasília e das radiais que hoje interligam todos os estados brasileiros, sem as quais a Amazônia e o Centro-Oeste já estariam internacionalizados.

A Ditadura Civil e Militar de 1964 cassou o seu mandato de senador por Goiás e os seus direitos políticos por 10 anos, lançou uma campanha de desmoralização e calúnia em nível mundial, dizendo que ele tinha a “Sétima Fortuna do Mundo”. Foi humilhado e torturado em inquéritos policiais militares em quartéis, sofrendo interrogatórios de oficiais subalternos, foi proibido de visitar Brasília. Por ironia, o ditador que cassou os seus direitos políticos e o seu mandato parlamentar ascendeu ao generalato pelo então presidente Juscelino Kubitschek.

No ano do centenário do seu nascimento, a Capital da República completou 42 anos da sua inauguração e a conurbação dela com as cidades do Distrito Federal e do seu Entorno tem a população de um país latino-americano como o Uruguai, com mais de três milhões e duzentos mil habitantes.

Em seu governo de liberdade e progresso fomos campeões mundiais de futebol pela primeira vez. Esther Bueno conquistou o campeonato mundial de tênis, a bossa-nova encantou o mundo, nasceu o cinema novo, a arquitetura brasileira passou a ser o grande produto de exportação cultural do país, e sua



*Juscelino sobe a rampa do Palácio do Planalto
ao lado de João Goulart*

meta-síntese é hoje Patrimônio Cultural da Humanidade.

Seus carrascos, caluniadores e detratores afirmam que irão destruir o estado legado por Vargas e por ele ao povo brasileiro, mas ninguém conseguirá dar tanto orgulho aos candangos que, vindos de todos os rincões da Pátria, construíram uma cidade do nada.

E Darcy Ribeiro, na sua saudável irreverência, disse que Deus estava de bom humor quando reuniu a Juscelino o doutor Lúcio Costa, Israel Pinheiro, Bernardo Sayão, Oscar Niemeyer, pessoas às quais acrescento Ernesto Silva, Afonso Heliodoro, Moacir Gomes, Pery França, Joaquim Cardoso, Augusto Guimarães Filho, Jofre Mozart Parada, Segismundo de Araújo Melo e todos os heróis anônimos que passaram à história como candangos.

Jarbas Silva Marques – Professor, jornalista, membro do Instituto Histórico do DF e diretor da Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico – DePHA.